



JORNAL da ANE

Associação Nacional de Escritores

ANO XIV, nº 108, agosto / setembro - 2021

NAPOLEÃO BONAPARTE, ATOR TEATRAL

Daniilo Gomes

Jean Tulard é considerado o maior especialista mundial em Napoleão Bonaparte, o célebre político e militar francês de origem italiana. O suplemento Cultura, de “O Estado de S. Paulo”, transcreveu, em seu número de 27-2-1988 (já lá se vão 31 anos), uma entrevista que Jean Tulard concedeu a Pierre Billard, do “Le Point”. Nessa entrevista, o grande biógrafo – que coordenou a elaboração do “Dicionário Napoleão”, da Editora Fayard e que reúne em 1.769 páginas nada menos que 3.228 verbetes redigidos com a colaboração de 205 especialistas – afirma que Napoleão Bonaparte desperta “alergias insuperáveis e entusiasmos ardentes” e que “foi rejeitado ao mesmo tempo pela extrema direita e pela extrema esquerda” – e isto desde 1814.

Há – segundo Tulard – mais de 60.000 livros sobre o modesto corso que chegou a Imperador dos Franceses e um dos homens mais poderosos do mundo.

“Alergias insuperáveis e entusiasmos ardentes”, diz o famoso **expert**, encarregado do curso “Revolução e Império” na Sorbonne, Diretor de Estudos na École Pratique des Hautes Études e Presidente do Instituto Napoleão.

De fato. Ainda agora leio o pequeno volume “A bem da verdade sobre Napoleão Bonaparte”, de L.B. Horta Barbosa, publicado no Rio em 1923. Nele, o autor execra a figura do Imperador, compilando páginas de vários autores que o retratam e o reduzem a um verme, flagelo do gênero humano, como o chefe huno Átila, por exemplo. É um livro

cruel, excessivamente severo para com o gênio político e militar que foi Napoleão, embora todos os seus erros, fracassos e desmandos. Trata-se de uma verdadeira catilinária, um libelo feroz e impiedoso, faccioso, parcial, que só destaca o lado malvado e os equívocos do **petit caporal**.

Prefiro o ensaio de Emerson sobre Napoleão, enfeitado no clássico livro “Homens representativos” (Tecnoprint, Rio, 1967, tradução, prefácio e notas de Alfredo Gomes). O estudo do pensador Ralph Waldo Emerson é equilibrado, sensato, justo e brilhante, mostrando as duas faces da moeda.

Continuação na pág. 8

OS HOMENS OCOS REVISITADOS

Gilmar Duarte Rocha

Ontem, aleatoriamente, me veio à memória o pano de fundo da peça de dramaturgia *A solidão do poderoso no espelho*, criação inspirada e indignada, concomitantemente, do escritor e amigo Valdir Aquino Ximenes, em edição primorosa da Giostri Editora, 2020, obra que trata do dilema de um homem impregnado de poder; cercado de castrenses e espartanos por todos os lados; recheado de dinheiro, tesouros e outros bens materiais de grande monta, e que nos dias de hoje bem que poderia ser emulado com Salomão da Bíblia, o filho do Rei Davi, não fosse a ausência completa de sabedoria, humanismo, altruísmo, moralidade e dignidade, carência essa que o torna completamente desprovido de conteúdo, um invólucro humano, um tronco de árvore podre, um *walking dead* que se guia apenas pelo instinto de destruir, devorar; que pode ser manipulado por um silvo de mentiras; que parece ser fisicamente indestrutível e que só poderá ser eliminado por uma flechada certa no cerne da mente vazia.

Ainda dissecando a obra de Ximenes, o homem poderoso sabe que tem cem arcos nas mãos, mas não tem uma flecha sequer; que tem uma bateria completa de canhões, contudo não dispõe de buchas; que pode recorrer a qualquer hora a 100 cientistas, mas nenhum deles acredita nos preceitos da revolução das luzes e são, por corolário, ineficazes; que se diz crente em Deus, mas que rasga em pedaços todos os preceitos estabelecidos no livro sagrado.

Continuação na pág. 10

TALVEZ NUNCA TE DIGA

Helena de Macedo

O mais certo é nunca te dizer que te amo. O quanto te amo!... Uma névoa inebriante escuta os meus delírios, conta-me verdades inconfessáveis, sussurradas qual brisa delicada. É intenso, obriga-me a pensar, aconchega o que sinto. E sei-me em ti.

Sim, sei. A intensidade, o aconchego, a névoa do pensamento vagabundo, deste sentir delirante... Vejo-te, de olhos fechados e coração limpo, peito aberto. Olhas-me, sorris. O espaço e o tempo tão voláteis como os nossos corpos bamboleando, erráticos.

Às vezes, sou eu que te atraio. Outras, dou por mim entrelaçada no teu abraço, no teu beijo, na tua energia. Força magnética, sintonia, comprimento de onda... Chama-lhe o que quiseres; para mim, são suspiros, arrepios e tremores durante os quais te olho, toco e sinto, confusa, entorpecida. Em que mundo estou? Impossível perceber; estás em todas as minhas quimeras, em cada pedaço de alma.

Inspiro. Sei que chegaste antes de reabrir os olhos. A energia que emana chega muito antes do corpo físico, o teu aroma inconfundível, seja qual for a essência que lhe adicionas, apodera-se do ambiente. Olhamos. O sorriso que, demasiado perfeito para ser real, os meus sonhos nem tentam reproduzir, entontece-me. O “Olá!”, a conversa ocasional sobre a última história que leste, que livro escolher, o dia lindo (e não são todos, quando estás por perto?!)... nem o “mas parece que o tempo vai mudar...” perturba a magia do momento.

Continuação na pág. 2

TALVEZ NUNCA TE DIGA

Helena de Macedo

O teu olhar profundo pergunta-me que afinidade silenciosa é esta. Perante os silêncios momentâneos, receio perder o sentido e verbalizar a resposta que imagino espelhada no meu. Apetece-me dizer-te que pode chover o resto dos meus dias, só porque existes e tenho o privilégio de te ver. Apetece-me acompanhar-te enquanto deambulas entre prateleiras e mesas, lendo títulos, sinopses, acariciando capas e contracapas; tocar-te de verdade, mesmo que apenas uma vez e conhecer o som das risadas na minha imaginação; acompanhar-te ao banco do jardim onde te sentas a ler; à janela, guardada por um cão grande, preguiçoso e um gato traquino; ou na esplanada, saboreando a tua mistura de café, chocolate e canela... Como sei tanto sobre

ti? Sei tudo! Ou imagino. És um livro aberto, a minha história favorita. Apetece-me dizer-te o que escrevo nestas folhas em branco, mas deixo-te ir, uma e outra vez. É melhor nunca te dizer, nunca te falar ou sequer olhar para além do necessário.

Encontramo-nos no nosso mundo perfeito. Conto-te então toda a perturbação que causas, só para ouvir a tua gargalhada divertida, em tom de quem não acredita. Digo-te que não é um exagero a meio do abraço. É verdade; a mais pura das verdades.

Fazemos amor no nosso cantinho, entre as nuvens, murmurando juras e promessas, a eternidade como imagem de fundo, antevendo o despertar sem memória, cada um para o seu lado, e o rebuliço preparado a preceito.

À MANAUS DE ABRAHIM BAZE

Renato Trindade

À sua Manaus querida curvei a fronte em gesto de contemplação serena.

Foi amor à primeira vista do horizonte das fotos nostálgicas aos textos que dos pássaros o canto encena.

Toca-me o orvalho da noite dez de novembro.

Sinto o abraço dos amigos boêmios antecipando as saudades na despedida do Bar Avenida. Nova

Arte a testemunhar, em lágrimas, soluços poéticos ecoando

ares do velho continente, Belle Époque, raios primeiros do século vinte, a iluminar o polo alado dos sonhos. O amanhã venturoso. O esvaio do tempo nas recordações, acervo preservado. Manaus querida do Poeta em nostalgia plena passeando das aldeotas indígenas antigas à atualidade cheia de detalhes, cantigas das máquinas, gritos, que a glória engrena.

NOTA DE FALECIMENTO

Joésio Menezes

Morreu a política brasileira,
E a *causa mortis* foi a qualidade
Dos políticos cuja honestidade
Sempre lhes foi a coisa derradeira.

O passamento se deu na primeira
Hora em que sua vulnerabilidade
Foi posta à prova da moralidade
Dos que nela veem ditosa carreira.

Deixou órfão o povo brasileiro,
Que, sob a tutela dos trapaceiros,
Vê seus sonhos também sendo enterrados...

As exéquias já foram confirmadas:
A cada dois anos são realizadas
Nas tais urnas por milhões de enlutados.

Do livro *Subversão poética*, 2021, p. 111

Soneto do Mês

SONETO

Menotti Del Piccha



Também como esse bosque eu tive outrora
na alma um bosque cerrado de emoções.

As palmeiras das minhas ilusões
iam levando o fuste espaço afora.

Floriam sonhos; era uma pletora
de crenças, de desejos, de ambições...

Não havia por todos os sertões
mais luxuriante e mais violenta flora.

Ai! bosque real, é o tempo das queimadas!...
É agosto, é agosto! o fogo arde o que existe
em turbilhões sinistros e medonhos.

Ai de nós!... Somos almas desgraçadas,
pois na luz de um olhar lânguido e triste,
também ardeu o bosque dos meus sonhos...

(Seleção de Napoleão Valadares)



Associação Nacional de Escritores

www.anenet.com.br

SEPS EQS 707/907 Bloco F – Edifício Escritor Almeida Fischer
CEP 70390-078 – Brasília – DF
Telefones: (61) 3443-8207 / 3242-3642
E-mail: contato.anedf@anenet.com.br

29ª DIRETORIA
2019-2021

Presidente: Fabio de Sousa Coutinho
1º Vice-Presidente:
2º Vice-Presidente: Edmilson Caminha
Secretário-Geral: Sônia Helena
1º Secretário: Jolimar Corrêa Pinto
2º Secretário: Noélia Ribeiro

1º Tesoureiro: Salomão Sousa
2º Tesoureiro: Ariovaldo Pereira de Souza
Diretora de Biblioteca: Gilmar Duarte Rocha
Diretora de Cursos: Kátia Luzia Lima Ferreira
Diretor de Divulgação: Vera Lúcia de Oliveira
Diretor de Edições: Afonso Ligório
Conselho Administrativo e Fiscal: Adirson Vasconcelos, Anderson Braga Horta, Danilo Gomes, José Carlos Brandi Aleixo, José Jeronimo Rivera, José Peixoto Júnior e Napoleão Valadares.

JORNAL da ANE nº 108 – agosto/setembro 2021

Editor

Afonso Ligório Pires de Carvalho
(Reg. FENAJ nº 286)

Conselho Editorial

Adirson Vasconcelos, Anderson Braga Horta,
Danilo Gomes, Edmilson Caminha e
Fabio de Sousa Coutinho

Revisão

Napoleão Valadares

Programação Visual

Cláudia Gomes

Impressão: Editora Otimismo Ltda.

SIBS Qd. 03 - Conj. C - Lt. 26 - N. Bandeirante, Brasília-DF - CEP: 71736-303
(61) 98626-2636 - 3386-0459 - grupoeditoraotimismo@gmail.com

Toda colaboração não solicitada será submetida ao Conselho Editorial.

PREMIAÇÃO DO CONCURSO DE RESENHAS

O Concurso Internacional de Resenhas de Literatura Coreana, promovido pela ANE em parceria com o LTI – Korea, a convite da Embaixada da República da Coreia, encerrou-se no dia 9 de julho, com o anúncio e premiação das três melhores resenhas de cada uma das categorias estipuladas (Ensino Médio e Livre), durante a realização do Festival República da Coreia 2021, transmitido *on-line* pelos canais de divulgação da Embaixada.

Durante 40 dias, as Secretárias da ANE – Lisieux Bittencourt e Rosângela Trindade – trabalharam intensamente para preparar o material de divulgação, os formulários de participação e de controle, as relações de inscritos, os modelos de certificados; registrar as inscrições e esclarecer dúvidas dos interessados; receber e classificar as resenhas enviadas, distribuí-las às avaliadoras, receber e processar os resultados das avaliações para selecionar as 10 (dez) resenhas finalistas e indicar as 3 (três) primeiras a serem premiadas.

Mais de 220 resenhas foram recebidas, dentro do prazo estabelecido pelo Edital do Concurso, e encaminhadas à avaliação da Comissão Julgadora, composta pelas associadas Ana Maria Lopes, Claudine M. D. Duarte, Noélia Maria Ribeiro da Silva, Vera Lúcia de Oliveira e Sônia Helena Taveira de Camargo Cordeiro, a quem coube, ainda, a coordenação do Concurso.

A leitura, análise e pontuação de cada resenha foi um trabalho árduo e sensível, uma vez que havia excelentes textos, com abordagens e enfoques variados, estilos diferenciados e boa qualidade textual. Decidir pelas 10 (dez) primeiras resenhas exigiu muito cuidado, uma vez que as diferenças eram bastante tênues e sutis. Mas, afinal, chegou-se ao resultado, que selecionou as seguintes resenhas:

Classificação Final - Categoria Ensino Médio

Classificação	Resenha	Nome do participante	Escola	Pontos
1º	<i>Por favor, cuide da mãe: A solitária tarefa de ser mãe</i>	Júlia Silveira Castoldi	Colégio Tiradentes da Brigada Militar - RS	97,5
2º	<i>A jornada de uma mãe e sua lição para o mundo</i>	Juliana Ribeiro Sanches	Colégio Cor Jesu - DF	95,4
3º	<i>Mas, afinal quem era Mamãe</i>	Eduarda Oliveira Azevedo	Colégio Pedro II Campus Engenho II - RJ	92,5
4º	<i>Recordações de família</i>	Nathália Martins Davi	Colégio Tiradentes – Unidade Patos de Minas - MG	87,3
5º	<i>(...) Uma lição fantástica sobre família e amor</i>	Daphine Sandler Fernandes Félix	Escola Estadual Prof. Yolanda Martins - MG	85,9
6º	<i>Mamãe: entre a culpa e a redenção</i>	Giovanna Stephany Cunha dos Santos	Escola Objetivo - SP	83,3
7º	<i>Por favor, cuide da mãe (Uma verdadeira reflexão)</i>	Ana Beatriz	CEPMG Xavier de Almeida - MG	82,4
8º	<i>A enfermidade do hoje</i>	Caroline Angelo Rodrigues	CEV Colégio Unidade Kennedy	80,8
9º	<i>Você realmente me conhece?</i>	Karen Stephany de Lima Araújo	Colégio Encanto (Unidade I) - RN	80,7
10º	<i>Como a mamãe</i>	Nathália Maria Brito Carlos	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do RN - RN	80,7

Classificação Final - Categoria Livre

Classificação	Resenha	Nome do participante	Pontuação
1º	<i>Mãe só tem uma, mas quantas mães cabem dentro de uma mãe só?</i>	Juliana Berlim	99,75
2º	<i>Só somos livres quando nos amamos: uma resenha crítica do livro “Por Favor, cuide da mamãe”</i>	Mariana Vieira Moura	99,50
3º	<i>Fragmentos de uma vida invisível</i>	Claudia Bitti Leal Vieira	99,35
4º	<i>Por favor, segure minha mão</i>	Bruna de Carvalho Giglio	99,30
5º	<i>(...) o livro que é quase um manifesto à preservação da identidade das mulheres que se tornam mães</i>	Denise Nobre dos Reis	99,20
6º	<i>Uma viagem através das lembranças</i>	Leticia Inácio Leite	99,15
7º	<i>Por favor, não seja indiferente diante dos âmagos mais íntimos e efêmeros</i>	Maitê Silveira Cardoso	99,12
8º	<i>Do sacrifício ao refúgio: um ensaio sobre o amor de mãe</i>	Kamila de Sousa Aben Arthar Alencar	99,10
9º	<i>A inevitável passagem do tempo</i>	Sabrina Sousa de Moura	99,05
10º	<i>O silêncio que cria o mundo</i>	Luciana Souza Lima	99,02

MÃE SÓ TEM UMA, MAS QUANTAS MÃES CABEM DENTRO DE UMA SÓ? (*)

Juliana Berlim

Com quantas braças se mede a extensão da dedicação materna? Os desvelos, as abnegações, as renúncias consideradas imanes à vivência da maternidade? Contudo, quem dimensiona, no mesmo patamar, a mãe em sua grandeza simbólica para a família e em sua existência autônoma do tecido familiar? Kyung-sook Shin procura, em seu romance polifônico, desenhar os emaranhados caminhos do coração que, em um dia de verão na estação de Seul, se perdem com o paradeiro da Mãe que se desvencilha da companhia do Pai e caminha errante pelas ruas da capital sul-coreana.

O sumiço da mãe é o disparador de um corolário de memórias. A memória é a grande personagem do livro. A mãe, usualmente grifada com maiúsculas, seja na sua forma regular, seja no epíteto amoroso, Mamãe, é a força motriz da família, a pessoa que ordena o espaço familiar que observamos ao longo da narrativa. Ela é a geradora das memórias afetivas de todos, como a ancestral sempre presente – o pai, inconsequente, abandona o lar de tempos em tempos em busca de aventuras de todo tipo e até mesmo substitui a esposa por uma nova mulher, que ele coloca dentro de casa, retirando a mãe de sua residência própria – e sua força de trabalho ininterrupta e seu otimismo constante marcam a vida de todos os familiares. Ela, como depósito das lembranças familiares, é justamente a pessoa acometida por uma doença degenerativa que não se esclarece durante o fio narrativo, mas que, desconfiando-se, pelo perfil dos sintomas, tratar-se de Alzheimer. Ela, o livro de ouro onde se escreveram cinquenta anos de histórias de uma família sul-coreana do pós-Guerra da Coreia, por causa de pequenos derrames e perda da memória, se desliga da razão de seu existir, sua família, de modo extraordinário. Seu desaparecimento, com a imprecisão sobre a morte ou não da pessoa desaparecida, lança (finalmente) luz sobre uma mulher que tentara, a todo custo, se anular em razão dos cuidados com a família, principalmente com relação aos filhos, mas também em torno do marido, um homem resmungão e inútil dentro de casa, que vivia sob os cuidados da esposa como se fosse um filho honorário (nem mesmo arroz ele sabia cozinhar sozinho, embora fosse um velho septuagenário).

Existem muitas discussões entrelaçadas no livro sobre a figura da mulher na sociedade sul-coreana. Ao final da narrativa, a culpa de todos os familiares com o leve desprezo com que sempre trataram a mãe é sintetizada na viagem da filha escritora, Chin, ao Vaticano, onde ela encontra a estátua da *Pietà* e faz uma aproximação óbvia entre a imagem da mãe do Cristo, o símbolo maior da devoção maternal no Ocidente cristão, e a imagem da Mamãe desaparecida, que, a esta altura, nós leitores sabemos morta, pois um dos capítulos do livro se dedica a um momento de transição do espírito de Park So-nyo entre a vida e o mundo espiritual. Ali, a filha mais velha expia simbolicamente o mal-estar, a dor e o luto de todos da família pela perda da mulher que, como Maria, abria mão de viver suas vontades para dar vida aos sonhos dos filhos e aos caprichos do marido. O epílogo é longo e fraco, porque o símbolo é por demais óbvio e repete muito dos sofrimentos vivenciados por todas as personagens desde o fatídico dia do desaparecimento de Mamãe. A frase final, que dá título ao romance, sintetiza a entrega de Chin do espírito de sua mãe

nas mãos da mãe cristã, imagem modelar da maternidade – paralelamente, o próprio espírito de Mamãe se entrega ao espírito de sua mãe biológica, que vem buscá-la depois de sua despedida virtual de seus amores no mundo material. Contudo, a chave para o romance é perceber que a morte, ainda que simbólica para sua família (que, ao término da obra, não sabe que ela morreu), de Park So-nyo não se dá quando ela desaparece, mas alguns anos antes de sua perda na estação de trem.

A sagacidade formal deste melodrama é a polifonia dos narradores, pois a história nos é narrada pelos filhos Hyong-chol (o primogênito), Chin (a filha mais velha, escritora), pelo marido e pela mãe propriamente dita, que dedica muito de seu monólogo interior a analisar a condição de vida de figuras secundárias de sua família, como a caçula e a cunhada, além de sua paixão proibida, um vizinho que ela conhece por casualidade, mas com quem mantém uma relação emocional de décadas. A mãe, ao ser tratada pelos familiares, como aquela que *naturalmente* se dedicava aos afazeres domésticos e era a mãe e a esposa de alguém, a mantenedora financeira, a estimuladora geral, é esquecida em sua singularidade, pois ninguém se ocupava de verdade de Mamãe como uma pessoa. Alocada em suas funções sociais, o indivíduo Mamãe é coisificado e inservível quando a velhice lhe estanca as forças. O desprezo dos filhos é a lógica capitalista internalizada: sem força de trabalho, o ser humano é descartável. Ninguém na família, nem mesmo o filho mais velho, sobre quem Mamãe nutria grandes esperanças de brilhantismo profissional, cumprira suas promessas de cuidado e conforto da mãe na terceira idade dela. Em uma passagem, as irmãs, ao trocarem impressões sobre um traço singular da mãe que as tivesse marcado, não sabem o que dizer uma a outra. Ninguém conhecia a mãe bem, embora ela conhecesse muito de todos. Ela era uma árvore de raiz bem fincada na terra, como o pé de caqui que presenteara à filha mais nova, em uma metáfora sobre a solidez de caráter da mãe. Nem por isso os filhos a respeitavam como sujeito e seu sumiço detona as mais fundas lembranças de como ela era única (como todas as mães, aliás) e de como ninguém lhe dedicava tempo suficiente. Essas observações dos filhos são uma crítica clara ao peso que os pais idosos se tornam para filhos em plena força produtiva e vigor físico, com carreiras consolidadas e famílias em construção.

Para traçar o perfil materno, Kyung-sook Shin emprega o recurso do foco narrativo em terceira pessoa para personagens que estão falando de si mesmas. Com essa manobra, é como se a personagem cuja voz ouvimos se mirasse com uma lupa e fosse direcionada ao escrutínio da observação indireta, que lhe aponta defeitos e qualidades na condução das consequências do conflito (o desaparecimento de Mamãe). A primeira pessoa só é assumida pela figura de Park So-nyo, que, pela primeira vez, assume a narração pessoal de sua existência, já que até então nos fora apresentada pelo olhar de terceiros (curiosamente, o que só acontece depois de sua morte). Através de seu monólogo interior, conhecemos a misteriosa figura de Lee Eun-gyu, o tal vizinho, “companheiro ideal” da matriarca e arrimo emocional de Mamãe quando as tampas de potes não eram suficientes para acalmar as frustrações da vida. Essa personagem traz humanidade à personagem prin-

cipal, projetada para ser uma figura quase sacrossanta, ideia reforçada pelo epílogo de cariz católico.

O romance é também o retrato de uma Coreia do Sul que caminhou, na segunda metade do século XX, tal qual o Brasil, outro país emergente, de uma sociedade rural e tradicional para uma nação urbana e cosmopolita. A pobreza vivida pela família nos primeiros anos de casamento dos pais, seguintes ao conflito entre as Coreias (e que impediram Kyun, o cunhado, de prosseguir os estudos por falta de dinheiro para arcar com os custos de manutenção na escola), é superada pelos filhos, que se tornam cidadãos de classe média alta em Seul. Contudo, a ocidentalização dos costumes e a adesão à globalização cobra seus preços à tradição local. O abandono sistemático dos coreanos do culto anual aos ancestrais, prática milenar, é a medida da uniformização praticada pelas forças do capital, que negligenciam o particular em nome de um modo de viver único entre os países do globo, algo que, simplesmente, não existe.

A despeito da forte carga emocional que o livro carrega, com um retrato pungente sobre a relevância da mãe dentro da estrutura familiar, é um romance que, assim como “A vegetariana” de Han Kang, pinta um retrato de mulher contemporâneo no perfil patriarcal do ambiente sul-coreano. Nenhuma das filhas de Mamãe ambiciona seu retrato de mulher – mãe em tempo integral, mulher profissional e eroticamente anulada. A mais velha sequer se casou e a mais nova, apesar de ter três filhos, percebe que a vida é mais do que a maternidade e pretende voltar a trabalhar tão logo seu bebê, o caçula de seus filhos, tenha crescido. A figura de Mamãe terá sido a última na família a encarnar o papel da mãe de comercial.

(*) 1º lugar no Concurso Internacional de Resenhas de Literatura Coreana – Categoria Livre

HINO À VIDA

Jolimar Corrêa Pinto

Transpor limites de planos diversos,
Penetrar mundos nunca almejados,
Marcar encontros com antepassados,
Somente mesmo em uns loucos versos.
Sei que navego em águas turbulentas,
Sem rumo, à falta de orientação,
Mas tento superar vagas violentas
Com a mente, o espírito e o coração.
Vou navegando diligentemente,
A salvo de derrotas fragorosas,
Com as regras que imponho à minha mente,
Em busca infrene de um mar de rosas.
Das frustrações que não posso evitar
Vem o estímulo para lutar.

POR FAVOR, CUIDE DA MAMÃE: A SOLITÁRIA TAREFA DE SER MÃE (*)

Júlia Silveira Castoldi

Por favor, cuide da mamãe é um romance da aclamada escritora sul-coreana Kyung-sook Shin, publicado originalmente em 2008, tendo sido traduzido para a língua portuguesa, em 2012, por Flávia Rössler e lançado no Brasil pela Editora Intrínseca. Shin, nascida em 1963 em uma vila rural próxima a Jeongeup, publicou sua primeira novela aos 22 anos e, atualmente, tem 17 trabalhos publicados, entre eles romances, coletâneas de contos e obras de não-ficção. Além de escritora, Kyung-sook Shin também é professora visitante da Universidade de Columbia, em Nova York.

O livro *Por favor, cuide da mamãe* narra o desaparecimento da idosa Park So-nyo na enorme Seul e dos esforços de seus quatro filhos para encontrá-la, sendo a busca intercalada por lembranças de diferentes épocas da vida de cada um. É uma história permeada de arrependimentos e que apresenta uma série de pequenas negligências que resultam em um final trágico. A obra, dividida entre quatro capítulos e um epílogo, não é narrada em ordem cronológica e chama atenção pela presença de alguns trechos narrados na terceira pessoa do singular com o uso do pronome de tratamento “você”, o que coloca o leitor na pele dos personagens. Além disso, o foco da narração alterna entre vários personagens no decorrer dos capítulos.

Logo no primeiro capítulo, o leitor se vê na posição de Chi-hon, a terceira dos cinco filhos de Park So-nyo, enquanto ela esboça um panfleto comunicando o desaparecimento da mãe, acompanhada de seu pai e irmãos. Chi-hon é uma escritora de cerca de 30 anos, que passa grande parte do tempo viajando, seja a trabalho ou lazer, e que só soube do desaparecimento da mãe quatro dias após o ocorrido. O incidente aconteceu quando Park So-nyo e o marido viajaram a Seul para comemorar seus aniversários, que eram celebrados juntos por terem apenas um mês de diferença. A celebração sempre era feita com um jantar com os filhos; no entanto, dessa vez, nenhum dos filhos foi buscar os pais na estação de metrô. Rodeado por uma grande quantidade de pessoas, o marido de So-nyo, que sempre foi acostumado a andar à sua frente em passos rápidos, acaba entrando no metrô sem ela, que fica para trás e se perde no meio da multidão. Depois disso, ela não foi mais vista.

Por meio das lembranças da escritora, descobrimos que ela e seus irmãos foram criados em um pequeno vilarejo rural e, posteriormente, foram mudando-se para Seul, abandonando não somente sua aldeia, mas também seus pais. Chi-hon é teimosa e emotiva desde criança, e com o passar do tempo sua relação com Park So-nyo, que é chamada de “mamãe” ao longo da história, se deteriorou cada vez mais, visto que a filha a tratava com indiferença e, não raramente, suas ligações terminavam em discussões. Apesar disso, dentre seus irmãos, Chi-hon é a mais determinada a encontrar sua mãe. Ela passa a se sentir mal pela forma como todos a negligenciaram e se arrepende constantemente da forma como costumava tratá-la.

Já no segundo capítulo, dessa vez narrado normalmente em terceira pessoa, o foco passa para o

filho mais velho, Hyong-chol, que é diretor de *marketing* em uma construtora de prédios. Apesar de amar incondicionalmente todos os filhos, mamãe nutria um carinho especial pelo primogênito: ele sempre foi dedicado aos estudos, com a promessa de tornar-se promotor, embora nunca a tenha cumprido. Hyong-chol foi o primeiro filho a mudar-se para Seul, onde passou a morar em um centro comunitário e trabalhar no serviço público. Ele se recorda de quando precisava urgentemente do diploma de conclusão de ensino médio para efetuar a matrícula em um curso de direito e, por isso, mandou uma carta ao pai pedindo que levasse uma cópia do diploma ao terminal rodoviário e pedisse a alguém para a levar para Seul. No entanto, o que aconteceu foi que, na noite do mesmo dia, sua mãe apareceu no centro comunitário após ter andado de trem pela primeira vez para garantir que o diploma chegaria às mãos de Hyong-chol, entregando-o ela mesma.

Apesar de ter sido muito próximo da mãe na infância e juventude, Hyong-Chol passou a deixá-la em segundo plano quando adulto. Era ele o encarregado de buscar a mamãe na estação de metrô, mas por estar estressado com o trabalho foi a uma sauna em vez disso, acreditando que o pai conseguiria encontrar o caminho. Custou-lhe acreditar que sua mãe realmente tinha desaparecido, só entendendo a gravidade da situação semanas depois do ocorrido.

O terceiro capítulo, por sua vez, é centrado no marido de Park So-nyo, cujo nome não é revelado. O homem alcoólatra sempre tratou a esposa com rispidez, a censurando e ignorando. Ele a via simplesmente como a mãe de seus filhos e, quando mais jovem, passava grandes períodos longe de casa. Um ponto importante da história é o analfabetismo de Park So-nyo: ela se envergonhava por não ser “instruída”, por isso considerava seu marido e até mesmo os filhos superiores a ela. Quando seus filhos moravam com ela, pedia à Chi-hon que lesse as cartas que Hyong-Chol enviava. Já quando idosa, mamãe pedia em segredo que uma voluntária do orfanato onde fazia caridade lesse os livros de Chi-hon para ela, com a desculpa de que não enxergava bem, e sem revelar que a autora dos livros era a própria filha. Tamanha era a vergonha que So-nyo tinha de ser analfabeta que seus filhos só se deram conta de que ela nunca aprendera a ler quando já estavam adultos.

Conforme a história avança, mais os personagens redescobrem mamãe: a figura inabalável, e até mesmo ingênua em certos aspectos, na verdade também era uma pessoa com vida própria, a qual abdicou de suas próprias vontades e sonhos para criá-los. Vários questionamentos começam a surgir: será que mamãe gostava de cozinhar o tempo todo para uma família numerosa? Ela encontrava felicidade em passar o dia trabalhando nos campos e arrozais? No entanto, as incertezas quanto ao estado de Park So-nyo tomam um rumo cada vez mais obscuro quando os filhos e o marido descobrem os numerosos problemas de saúde que flagelavam So-nyo, como dores de cabeça repentinas e insuportáveis, lapsos de memória e até mesmo um derrame que mamãe teve anos antes e nunca havia falado sobre ele. Dessa forma, a figura

maternal impecável vai se desconstruindo cada vez mais até revelar a realidade extenuada, sôfrega e deprimida, escondida na sombra da mamãe, que fazia tudo o que estava ao seu alcance sem medir esforços pelos filhos, mas pouquíssimo recebia em troca.

Afinal, quem é mamãe? Partindo das memórias expostas pelos personagens, descobrimos que Park So-nyo é uma mulher de olhar ingênuo e gentil, de força descomunal, no entanto incapaz de fazer mal a qualquer ser vivo, e sempre pronta para ajudar a quem precisasse, colocando a si mesma em segundo plano. De origem humilde, foi forçada a casar-se aos 17 anos, pois naquela época, durante o cessar-fogo entre o comando das Nações Unidas e o comando comunista em Panmunjom, soldados norte-coreanos deixavam seus esconderijos nas montanhas para saquear as aldeias e circulava o boato de que eles sequestravam mulheres jovens. Foi uma mulher de muitos talentos, capaz de criar todo tipo de animal e tudo o que tocava tornava-se fértil, crescia e dava frutos. Apesar de levar uma vida árdua, encontrava felicidade ao ver os filhos crescendo e ao ser capaz de alimentá-los, apesar de a comida ser, por vezes, escassa. Quando visitava os filhos já adultos, chegava carregada de embrulhos e equilibrando trouxas na cabeça, trazendo todo tipo de comida e mantimentos.

No decorrer das buscas pela mãe desaparecida, algumas pessoas entram em contato com os filhos, alegando ter visto uma senhora que se encaixava na descrição de So-nyo: uma idosa desorientada que usava vestes azuis de verão. Além disso, vários relataram também que essa senhora estaria usando sandálias que feriam um de seus pés, ocasionando um ferimento muito severo, no qual era quase possível ver o osso. No entanto, os filhos nunca conseguiam chegar a tempo de encontrar a suposta senhora e, com o passar das semanas, eles deixaram de receber ligações.

O quarto capítulo mostrou-se como o mais enigmático. Ele começa narrando sobre Yun, a quarta filha, do ponto de vista da própria mamãe, que a visita em forma de pássaro, dando a entender que não está mais viva. Yun, mãe de três filhos pequenos, é a filha que tinha a melhor relação com a mãe; entretanto, não pôde auxiliar na busca por estar atarefada com suas crianças. Em seguida, mamãe passa a narrar brevemente sobre Eun-gyu, um amigo que ela mantinha em segredo e a quem pedia ajuda nos seus momentos de maiores dificuldades. Depois disso, é como se mamãe visitasse sua casa, pois ela fala dos cômodos e de alguns objetos que lá estavam guardados, além de também comentar sobre seu marido e irmã. Então, revela que quando se perdeu em Seul, só conseguia se lembrar das memórias de quando tinha três anos de idade, por isso vagou pela cidade sem norte. Encerrando o capítulo, fica entendido que mamãe deixa definitivamente esse mundo para poder, enfim, descansar: ela encontra sua mãe, que a toma em seus braços.

O epílogo, que se assemelha ao primeiro capítulo por colocar, mais uma vez, o leitor na pele de Chi-hon, conta sobre como a escritora, depois de

meses de busca, viaja a Roma com seu namorado. Durante uma visita ao Vaticano, ao admirar a *Pietà* de Michelangelo, Chi-hon suplica à Mãe de Jesus que, por favor, cuide da mamãe. E com esse pedido sôfrego, desesperado, o livro se encerra. A carga emocional contida nessa fala aparentemente simples é excruciante: ao deixar mamãe sob os cuidados da Mãe de Jesus, Chi-hon, a filha que mais lutou para encontrar a mãe e que insistiu o tempo todo para que seus irmãos continuassem a procurando incessantemente, aceita que mamãe já não poderá mais ser encontrada com vida. Trata-se de engolir amargamente o fato de que sua mãe partiu sem ter a chance de receber um retorno ao nível dos cruciantes sacrifícios aos quais dedicou sua vida inteira.

Também há certo simbolismo na presença dessa estátua na história: é possível traçar um paralelo entre a *Pietà* e a cena que Park So-nyo, a mamãe, vê quando padece. Assim como a Virgem Maria, com olhar pesaroso e cheio de dor, segura o corpo sem vida de seu filho, So-nyo vê o rosto inundado de tristeza de sua mãe, que livra seu pé da sandália que a mutilava, e a carrega em seus braços.

Como considerações finais, vale citar que a obra chama atenção por nem todos os personagens terem nome e, apesar de o final ser emocionante, ele deixa algumas questões em aberto: o leitor fica curioso para saber qual foi o paradeiro de Park So-nyo em seus momentos finais e se algum dia seus filhos a encontrariam. É uma história sobretudo angustiante, pois percebe-se que detalhes muito pequenos desatam um fim catastrófico: o suplício de Park So-nyo poderia ter sido facilmente evitado se seu marido a acompanhasse apropriadamente na estação, ou se seu filho tivesse ido buscá-la em vez de visitar uma sauna, ou se alguém tivesse dado a devida atenção aos problemas de saúde da mamãe antes que eles evoluíssem a um estado tão crítico. A lição do livro é clara: embora a função de “mãe” pareça tão natural e até mesmo inerente aos filhos, ela é desempenhada por meio de inúmeros sacrifícios que muitas vezes se mantêm ignotos, seja por indiferença dos filhos ou por força de vontade da mãe que, como pilar da família, não se coloca na posição de alguém que possa ter fraquezas ou precisar de cuidados.

Eu acredito que Por favor, cuide da mamãe é uma excelente obra, justamente por combater a ideia romantizada da maternidade, e recomendo tanto para mães quanto para filhos a partir da adolescência. Além da grande lição de moral, por meio do livro também é possível entrar em contato com elementos próprios da cultura coreana, como tradições, superstições e rituais. A linguagem utilizada facilita o entendimento e mesmo pessoas que desconhecem a cultura coreana podem deleitar-se com a obra. Apesar de que as trocas de foco narrativo e o uso do pronome de tratamento “você” para se referir a certos personagens narrados na terceira pessoa do singular possam confundir o leitor a princípio, uma vez que esse se acostuma com a abordagem utilizada é possível desfrutar da sensibilidade poderosa que esse tipo peculiar de narração possibilita. Eu acredito que todas as mães carregam consigo um pouquinho de Park So-nyo, e duvido que haja algum filho que nunca foi ingrato com a mãe, mesmo que sem perceber. É uma história infeliz, mas profundamente tocante e indubitavelmente admirável.

(*) 1º lugar no Concurso Internacional de Resenhas de Literatura Coreana – Categoria Ensino Médio

JET LAG OU LET JEGUE

Roberto Minadeo

A experiência do cansaço após viagens nas quais se enfrentam mudanças de fusos horários já terá sido sentida por muitos, e veio a receber a expressão “Jet Lag”. O trocadilho do título é fraco, até merecedor de risadas amarelas que possam levar o leitor a desconsiderar estas linhas. No entanto, peço uns minutos de paciência.

Seja pelo cansaço trazido pelas mudanças de fuso ou por qualquer outra procedência, ninguém gosta da sensação causada pelo Jet Lag. Todos gostariam de ser heroínas ou heróis, fortes, inabaláveis, e, portanto, imunes ao cansaço. Talvez fosse bom acrescentar a imunidade à sede e à fome.

Será que gostaríamos de ser mesmo tão acima da média humana quanto os melhores de nossos sonhos pintam? Em outras palavras: terá o cansaço alguma utilidade na maquinaria humana?

O cansaço nos blinda, nos protege de quebras maiores. É o óleo da máquina, que às vezes precisa ser trocado, para protegê-la e fazer com que a sua vida útil seja atingida sem maiores problemas, sem que as engrenagens se rompam no contínuo contato com outras peças. O cansaço mostra nossos limites, em última análise, faz com que nos respeitemos como seres humanos, de carne e osso – elementos bastante longe de quaisquer infinitudes.

O argumento parece repetitivo: gostaríamos de ser tão superiores à média justamente para não sentirmos os tais limites. Nesse caso, estaríamos deixando a natureza humana, e igualmente seríamos insensíveis, perderíamos o acesso a dar e a receber sentimentos como gratidão, perdão e amor. Acima de tudo, teríamos cortado a possibilidade – já bastante difícil em nossos seres de carne e osso – de sermos modestos ou despreziosos.

Enfim, ninguém nos suportaria se não nos cansássemos, se não tivéssemos a humana necessidade de parar, de cessar as atividades de quando em vez, até mesmo de dormir. O mundo seria tremendamente chato se todos trabalhassem vinte e quatro horas por dia.

Daí o corolário trazido pelo trocadilho: o Let Jegue – invenção do pobre autor e que representa a aceitação da condição humana, do barro que nos constitui e, em última instância, da ausência dos desejos de fugir do Jet Lag.

AYLAM

Glauber Vieira Ferreira

Hoje vi meu filho de camiseta vermelha deitado no chão
De barriga pra baixo
Rosto virado, olhos fechados
Fingindo que estava dormindo
Dois anos de manhas e alegrias

Me lembrei do menino sírio, da mesma idade, que com outra camiseta vermelha
foi encontrado morto na praia, também de barriga pra baixo e rosto virado,
como se olhasse pro mar e perguntasse por quê

Fora expulso de seu país junto com a família, e a família de tantos outros parentes, vizinhos, desconhecidos,
que não viram escolha e entraram no mar com destino a um lugar seguro. Qualquer um.

Lembram? Muita gente já se esqueceu.

E enquanto nós adultos fingimos que estamos acordados

Crianças como Aylam dormirão
Engolfadas pelo mar e esquecimento

Sem manhas, alegrias

Nem manhãs

ENGANO E MEDO

Jorge Sá Earp

Morar assim na primeira casinha da cidade... É esquisito. No começo nem tanto porque eu estava toda empolgada em morar aqui. Depois foi me dando uma tristeza... principalmente à tardinha. E no inverno. Como agora. A noite cai muito cedo. E amanhece tarde. Horrível. Nunca pensei. E o frio. Horrível esse frio. Não é como em Monlevade, não. Lá faz frio mas igual aqui não tem não. Quer dizer: deve ter. O Charles disse que mais pro norte é ainda mais frio. Esconjuro! No Brasil o norte é quente. Aqui é o contrário. Quando cheguei tava toda empolgada: morar na Europa. A gente ouvia falar cada coisa linda... Todo mundo rico, bonito e elegante. Na Europa a gente não passa fome, não. Num tem mendigo, não tem gente pedindo esmola... que o quê! Foi o que eu escrevi pra maninha na vez passada. Vê, sim: não tanto como no Brasil mas até que vê um pouco.

No começo era tudo maravilha. Bom, o Charles também só me falava maravilhas. Pintava o céu só com arco-íris. Mas quando cheguei... (é engraçado como eles falam o nome do Charles diferente aqui. De como eu falava) Não: quando chegamos foi tudo maravilha. Conto de fada mesmo: Paris. Fiquei encantada. Mandei cartão postal pra todo mundo: pra Milinha, pro Marcos, pro Demerval, pro pai e pra mãe. E mais gente. “Vom’bora, vamu passear, cê fica aí sentada só escrevendo postal! Assim a gente perde tempo!” – o Charles reclamava já com o pé na porta. Aí eu me apressava, enfiava o primeiro casaco que eu via e corríamos pra rua. Que cidade linda, maninha! Aí o Charles voltava a ficar puto porque eu pedia pra ir ao correio. Ficou uma vez tão puto que eu não pedi mais pra ir. Deixa que eu ponho pra você lá em Roanne. É, é assim que se escreve a cidade em que eu moro. Até que enfim aprendi. Com dois enes. É pequenininha. E a casa do Charles é logo na entrada da cidade. Não chega a ser a primeira como eu escrevi no começo. Mas uma das primeiras. E isso me dá aflição. Morar assim logo na entrada da cidade. Lá em São João Monlevade a gente mora mais pra perto do centro. Não muito perto nem muito longe. Médio. Papai e mamãe não queriam deixar que eu me casasse com o Charles. Apesar de tudo. Apesar da vida difícil, do dinheiro curto. Depois que o pai foi mandado embora da fazenda de Seu Luca Espiridião a vida da gente ficou pior. A gente teve que voltar pra cidade, mas graças a Deus o pai conseguiu um bico na birosca do Seu Ramiro e a mãe arrumou serviço na casa da D. Mirtes. Deu pra criar os filhos, Emília, Marcos, Demerval mais eu, pra gente terminar a escola. Já tava até pensando em fazer o vestibular quando naquelas férias no Rio fui conhecer o gringo. Desgraça de férias. Desgraça, não, porque eu acho que a gente acaba sempre tirando alguma coisa boa mesmo do ruim.

Foi num domingo na praia: de longe avistei aquele louro gordinho, já mais pra coroa, todo vermelho de sol. Que nem um pimentão. Aí cheguei perto. Criei coragem e cheguei pertinho. Já tinha até passado umas vezes na frente dele. É que ele me olhava direto. Não foi por conta da vermelhidão da pele dele, não, que eu olhei. De preocupação. Já tinha visto outros gringos na praia daquele jeito e nem dei bola. É que eu achei ele bonito. Apesar de meio coroa e gordinho, achei ele bonito. Gostoso até. Não, essa palavra não se fala.

Aí me acheguei, ele continuava me olhando, passei meio que no disfarce, assim, sozinha, sem minha prima, esperei que a Lucimara criasse coragem e fosse molhar o pé nágua e aí sorri pro Charles. Ele

devolveu o sorriso e abanou a mão. Criei coragem e cheguei mais perto dele. Falei então que ele tava muito vermelho, que ia arder de mais da conta de noite, num ia conseguir dormir, tudo isso com gesticulação e o Charles continuava a rir, me secando com aqueles olhos azuizinhos feito duas contas de água marinha. Até que ele me mostrou uma bisnaga de protetor solar, tudo escrito naquela língua enrolada dele, porque quando o Charles me respondia eu não entendia nada.

“É proteção 10. Só. Ocê precisa de proteção 50. É muito branco. E tá todo vermelho” – eu tentei explicar com a boca e as mãos.

O Charles abriu ainda mais o seu sorriso, ficou mais bonito, então eu corri de volta pra barraca da Lucimara pra pegar o meu protetor solar n. 30. Não era o ideal mas... “Larga de conversar com esse gringo, Cirene! Olha lá que esse pessoal que vem pro Brasil só quer fazer safadeza com a gente!” – a Lucimara me avisou. Teimeei e voltei. Passei o creme nas costas e nos ombros do Charles. Meu Deus, que sensação boa que eu senti naquela hora que passava creme no corpo dele! Aí ele quis que eu também passasse creme no peito e no rosto dele. Respondi que não, fazendo cara feia. Cê acha que ele ligou? Que nada! Pegou a bisnaga da minha mão e lambrecou o resto do corpo todo de protetor solar. Aí nós rimos porque tava tudo mal espalhado (e eu sentia o olhar da Lucimara em cima de nós), eu espalhei e o Charles me ofereceu uma cerveja. Eu disse que não bebia, que preferia picolé ou mate, mas ele insistiu. Avisei que estava acompanhada, apontei discretamente a Lucimara, ele convidou ela também com o braço e o sorriso, eu fiz o sinal da cruz pra ele entender que a gente era evangélica mas não adiantou. O Charles insistiu tanto, e ele era tão simpático, com um jeitinho assim de bebezão que nem a Lucimara recusou a cerveja. E foi aí a nossa perdição. Mais minha do que nossa. Disse nossa porque a Lucimara também caiu na tentação do demo. E o inimigo tá sempre rondando.

O fato é que ali começou o namoro que avançou rápido para o casamento. Não vou ficar contando da bagunça que fizemos nesse dia na praia, depois no quiosque, no restaurante e no bar do hotel dele. Mas não dormi com o Charles logo, não. Tá doida! Enrolei um tempo, eu era virgem, me fiz de boa moça que aliás eu era. Meus pais não gostaram do Charles. Já disse isso, eu sei. Foi um custo convencer eles de concordarem com o meu casamento. Devo o começo da minha felicidade (ou alegria só) à Lucimara, que com aquele seu jeitinho manso, carinhoso, conseguiu mudar a opinião deles. Coração de mãe não se engana, não: D. Engrácia nunca abriu nenhum sorriso pro Charles. Olhava ele assim dura, a cara amarrada. Já papai foi aos poucos se derretendo todo, e aí eu sei bem por quê: já pensava nos dólares que eu ia mandar do estrangeiro. E assim foi: me casei em Minas, em São João Monlevade, no civil e no religioso. O Charles topou. Só depois é que ele foi me dizer que era ateu. Esconjuro! Fiquei tão chocada, danei a chorar, isso já foi aqui nessa casinha miúda, uma das primeiras da entrada da cidade. De Roanne. Não só o Charles me fez essa revelação monstruosa (como é que ele pôde fazer aquele papelão de fingir que orava na igreja! Depois da cerimônia, lembro da mãe mais amargada, de braços cruzados no banco da cozinha balançando a perna de nervoso e raiva: “Ainda bem que você não é fia única, Cirene!” Charles começou a mudar muito. E a bebida que eu pensei fosse só por conta das férias, não: era todo dia. Quer dizer: no começo do nosso

casamento, da nossa vida no hotelzinho primeiro em Lyon depois em Roanne, era só final de semana. Que ele bebia. Depois com a vida nos trilhos, eu de faxineira em cinco casas, ele na firma, nessa casinha aqui, ele deu pra sair pra beber todo dia. Sair não de casa mas direto do trabalho pra encontrar os amigos no bar. Nos finais de semana ou bebia em casa mesmo, dizendo descansar depois de cuidar do jardim na primavera e no verão, ou quando enchia de mim, discutia e saía. E aí voltava danado. Terrível. Fui procurar o consulado em Lyon duas vezes. Quer dizer: a primeira telefonei. Telefonei depois que ele me bateu. Não foi a primeira vez que ele me bateu. Mas aí doeu muito. Fiquei com uma vergonha enorme quando me apresentei no emprego na 2ª feira. Com medo de que a dona me mandasse embora. Mas não. Conte uma mentira. Disse que tinha levado um tombo da escada. Não colou muito, não, em nenhuma das casas onde faço faxina mas não me mandaram embora (depois desse tempo tido aqui na França, até que enrolo a língua deles).

Pois é: aí liguei pro consulado. Depois de muito custo atenderam. Um cara educado, respeitoso. Disse que iam avisar a polícia. Agradei muito e desliguei. Foi aí que o medo tomou conta de mim por inteiro. E quando o Charles visse a polícia aqui na porta ou quando recebesse carta da polícia pra comparecer na delegacia? Ele ia desconfiar de tudo, ia perceber (espero como ele é) que fui eu que chamei os guardas e ia me bater mais. E eu já não aguento mais apanhar. Só não escrevi (ligar é caro demais) pros meus irmãos pra não preocupar eles nem preocupar meus pais. Pra eles, por enquanto, tá tudo bem. E quando eu falo com você, maninha, aqui nesse papel é só pra mim poder desabafar, pôr as coisas pra fora, essa tormenta pra fora, esse medo pânico de quando eu ouço os passos dele na escada e no corredor virem vindo pra dentro de casa porque aí sei que ele vai me bater. Porque está bêbado.

No começo eu gostava dele. E muito. Mas depois, com o tempo, o Charles foi mudando muito. Já temos uns bons anos de casados. E meu Deus, como o Charles mudou! Eu é que sei... Hoje em dia não gosto mais dele, não: só sinto medo. Um medo enorme dele. De homem virou bicho.

Então eu liguei de novo pro consulado. Desesperada, quase chorando, supliquei que eles não avisassem a polícia. O rapaz educado quis então que eu recontasse a minha história tim tim por tim tim. Que aquele dia ele tava muito ocupado e não pôde prestar atenção nos detalhes. Tão nervosa eu estava que a minha história saiu toda embolada. Caí no choro mesmo. Ele então falou pra mim ir até o consulado em Lyon. Primeiro disse que não podia, que trabalhava todo dia até que ele foi me acalmando e eu me lembrando que na quinta-feira tinha o dia livre (falei até em francês com ele, esse meu francês enrolado, Jeudi ou era Mardi?), contei nos dedos. É que de repente esqueci que ele era brasileiro, é Jeudi eu tou livre, posso ir até Lyon, ao consulado, foi quando ouvi os passos pesados no fundo do corredor: é ele, é o Charles, quem? o Charles meu marido, essa peste, tá bêbado, vai me bater, tenho que desligar, não, não é ele não, ai que alívio, seu moço, como é o seu nome mesmo? vou, vou pra Lyon sim, é, amanhã – que bom – agora que eu me dei conta que é quinta-feira, vou, vou sim, muito obrigada, não, não, é ele, era o Charles, sim, parou em frente à porta só pra escutar: agora é que eu vou apanhar. E muito.

NAPOLEÃO BONAPARTE, ATOR TEATRAL

Danilo Gomes

Napoleão é um mundo. Fiquemos aqui apenas com sua vertente teatral. Era um homem que sabia representar e impressionar, pelo que se depreende da leitura de suas biografias. Afirma Emerson haver sido ele “potente ator sempre pronto, que agarrou a ocasião pelos cabelos.” Em outro passo, o erudito autor lembra o seguinte: “Divertia-se a fascinar Josefina e as suas damas de honra, numa sala fracamente iluminada, pelos terrores de uma ficção, na qual a sua voz e o seu poder dramático exerciam largo papel.”

No seu melancólico “Memorial de Santa Helena” – segundo ainda Emerson – ele imprimia à sua autobiografia “um brilho teatral”, pois, “como todos os franceses, tem a paixão dos efeitos do teatro.” O tradutor, Alfredo Gomes, por sua vez, numa nota de pé de página, declara: “Napoleão preocupou-se demasiado pela encenação, pelo artifício e pela retumbância. É o que se deduz da leitura de suas Memórias e de seu Manuscrito. Existe apenas o pessoal, quando na verdade a colaboração de seus auxiliares lhe proporcionou a atmosfera de glória.”

O próprio Imperador-ator assim se expressou:

“Uma grande reputação é feita de muito ruído; quanto mais barulho se faz, mais longe se ouve. Leis, instituições, pronunciamentos, nações, tudo cai, porém, o ruído continua e ressoa nos séculos seguintes.”

O grande personagem era, evidentemente, um ególatra e, com o adjutório de muita gente, criou a própria lenda, desenhou a Era Napoleônica, que refulge até hoje.

O ruído, a fama, a glória: ele mesmo muito ajudou a tecer sua própria coroa de imortalidade. Exercia fascínio sobre as pessoas e sobre as tropas sideradas pelo seu garbo marcial. Jean Tulard, na mencionada entrevista, afirma que Napoleão cuidou, ele próprio, de manter a sua lenda, nos jornais dedicados a relatar suas ruidosas campanhas. Era, podemos dizer hoje, um campeão da mídia, era um craque da política-espetáculo, como Carlos Magno, Luís XIV e Luís XV.

Ele, já no Consulado – antes do Império – criou seu próprio **look**: a mão enfiada no colete; o chapéu característico e exótico mesmo para o seu tempo; os arroubos teatrais como o de arrancar do próprio peito a Cruz da Legião de Honra (criada por ele!) para colocá-la no peito do agraciado; o andar inquieto, pra lá e pra cá, com as mãos pra trás, entrelaçadas.

Ele era uma **persona**, ele era o espetáculo, depois da carnificina que foi a Revolução Francesa (ele acabou com o Terror, em 1794). Como não o admirar? Ele instituiu o Código Napoleônico, arrumando a caótica casa.

Teve vitórias (Austerlitz, Marengo, etc.). Sofreu derrotas, como a catastrófica retirada da Rússia, em 1812, e, pior ainda, a tragédia que foi Waterloo, em 1815.

Assegura Tulard: “Napoleão tinha um senso inato da propaganda.” Alguns de seus heróis eram Alexandre, o Grande, da Macedônia e Caio Júlio César. Sua ida ao Egito retumbou no mundo e suas palavras à tropa ressoam até hoje: “Soldados, do alto destas Pirâmides, quarenta séculos vos contemplam.” Foi delirantemente ovacionado.

Na Ilha de Santa Helena, perdida no Atlântico, aprisionado pelos ingleses do Duque de Wellington, após a fragorosa derrota de 1815, ele soube, no “Memorial” que ditava aos assessores engalonados, tecer a coroa do martírio.

Voltemos a Tulard. Assim ele conclui sua análise dessa faceta do ilustre general e governante: “Penso o que teria feito se tivesse tido à disposição, como De Gaulle, uma televisão...”

Eu acrescento que não era à toa que ele admirava o famoso ator François Joseph Talma. E que se fez retratar, a ele e seus familiares, por alguns dos melhores pintores, em especial Jacques – Louis David, um antigo partidário do sanguinário Robespierre.

Na grandiosa cerimônia da coroação, em 1804, ele, ignorando a presença do Papa Pio VII, colocou a coroa em sua própria cabeça e em seguida coroou Josefina Imperatriz da França. O pintor David estava lá e elaborou requintadamente a famosa tela grandiosa: Napoleão I coroando a bela Imperatriz, ajoelhada diante dele. Pura cena teatral.

Voltemos um instante, como num ato, ao ator Talma, amigo do Imperador e seu mestre nas artes cênicas. A cena é referida no magnífico livro “Napoleão – uma vida”, de Vincent Cronin (Barueri, SP, Editora Manole, 2013, 486 págs., trad. de Anna Lim e Lana Lim):

“Uma noite, Napoleão foi à Comédie Française, onde o famoso ator representava **Hector**. Disse Napoleão a Talma:

– Então, Talma, Chateaubriand diz que você me deu aulas de como fazer o papel de Imperador; tomo esta insinuação como um elogio, pois mostra que ao menos devo ter desempenhado bem meu papel.” (Pág. 401)

Na tela de Ingres, de 1806, “Napoleão I no Trono Imperial”, ele é representado como um deus, um misto vistoso de Júpiter, César e Carlos Magno.

No excelente livro “Josefina – Desejo, Ambição, Napoleão”, de Kate Williams (S.P., LeYa, 2014, trad. de Luís Santos, 495 págs.), encontramos estas passagens:

“A ambição de Napoleão não conhecia limites.” (Pág. 307) “Assim que foi empossado como imperador, a sede de poder absoluto de Napoleão crescia diariamente.” (Pág. 308) “A ambição nunca está satisfeita, mesmo no auge da grandeza”, declarou Napoleão.” (Pág. 281)

Para a sagaz Madame de Stael, o Imperador deve ter sido um ator assustador. Está na pág. 253 da mencionada obra de Kate Williams: “O terror que ele inspira é inconcebível”, afirmou Madame de Stael. “Fica-se com a impressão de um vento imperial fustigando-nos os ouvidos quando estamos perto desse homem.” De fato, ele costumava ser grosseiro e até brutal com homens e mulheres, até com seus generais, e em público. Tinha temperamento irascível.

O Imperador morreu amargurado no exílio da remota Ilha de Santa Helena, em 1821. Suspeita-se que foi envenenado. Em 1840 seus restos mortais

foram levados para Paris. Um impressionante e espetacular cortejo fúnebre percorreu Paris até o túmulo definitivo. Um suntuoso aparato teatral. Ator até depois de morto.

Muitos o odeiam. Muitos o amam e até veneram, siderados pela sua aura de glória e martírio. Ninguém fica indiferente ao filho de Laetitia Ramolino, ao chefe da turbulenta **famiglia Buonaparte**. Ele é tão famoso que seu túmulo, nos Inválidos, atração turística mundial, não contém nem seu nome no mármore solene. Não é preciso. O mundo inteiro sabe que é ele quem está ali, pelos séculos dos séculos. Foi a última peça que pregou em seus inimigos. Convenhamos que é um **grand finale**, majestoso, digno de Racine ou Shakespeare...

MEU LUGAR

Basilina Pereira

A poesia é o meu espaço em outra dimensão.
É o lugar que me acolhe
quando a realidade me nega o ar da manhã
e as ânsias se agrupam em liames de concreto.
É lá que eu possuo o que não tenho
e revejo os amores
que um dia enfeitaram minhas galerias.
Sim... porque todos eles
tatuaram uma flor em meu coração:
de tamanhos e cores diferentes,
mas sempre capazes de irradiar fagulhas,
cada vez que uma lembrança remota se aproxima.

MEU BURITIS

Onofre Ferreira do Prado

No despontar da minha juventude,
Deixei meu chão ferido de saudade,
Levando na bagagem só virtude,
Os sonhos de menino e a mocidade.

Noutras terras, fiz tudo e mais que pude,
Meus sonhos eram grandes de verdade,
Meu sol era o mais lindo na amplitude.
Porém, sem esquecer minha cidade.

E como hei de esquecer a minha terra,
O mais bonito céu, o azul da serra
E sua forte gente mais feliz!

Por mais que eu conhecesse outras belezas,
Ou mesmo vislumbrasse outras riquezas,
Jamais esquecerei meu Buritis!

POETAS EM EXPOSIÇÃO

Anderson Braga Horta

Márcio Catunda, poeta e compositor, vem publicando com fidelidade e constância desde 1976. Além de livros, CDs de poemas musicados, em pelo menos cinco línguas – português, espanhol, francês, inglês e búlgaro, em seis países, além do Brasil. Escreve com naturalidade e proficiência sobre poesia, como exemplificam as duas séries de ensaios intitulados *Na Trilha dos Eleitos* (1999 e 2001). Não é de admirar, pois, que, apesar de não ter servido nem residido em Paris, se haja aventurado em longos passeios por suas vetustas e luminosas ruas, em busca de elementos ilustrativos da vida e obra de fabulosos poetas de sua admiração, franceses ou de expressão francesa, desde o quase mítico François Villon até alguns dos maiores prestidigitadores da poesia do século XX, passando, é claro, por gigantes como Victor Hugo, insurgentes como Baudelaire, mergulhadores do *dérèglement des sens*, como Rimbaud, refinados como Verlaine, Mallarmé, Valéry, contestatórios como Lautréamont.

Márcio cria um modelo para a abordagem desses grandes autores: ele entremeia dados biobibliográficos e transcrições poemáticas a *promenades* pelos lugares onde viveram e atuaram; assim, de um lado nos

lembra, por meio de textos em redondo, passagens da vida e elementos da obra, e de outro, em caminhadas por essas locações, trata de nos re-presentar algo da base física da trajetória vital dos homenageados, para o que emprega a composição em negrito-italico. Modelo que nos recorda — adrede ou não — ilustre símile musical, os Quadros de uma Exposição, de Mussórgsky (seja na pianística versão original, seja na orquestrada de Ravel).

O resultado são estes retratos incisivos e sensíveis, reunidos num mesmo “salão” pela pena hábil e sensível de nosso poeta.

Paris e seus poetas visionários, de Márcio Catunda, é fruto de uma pesquisa biográfica sobre 25 grandes poetas franceses (do século XV à Idade Contemporânea), em que Márcio Catunda mescla a história de cada poeta à crônica de suas viagens a Paris. Tais viagens tiveram o propósito de encontrar, fotografar e descrever as residências desses bardos franceses, formadores da cultura literária no mundo ocidental. O autor destaca ainda, na literatura de cada poeta, o que cada um escreveu sobre Paris. O livro abrange, portanto, três dimensões da criação literária: a biografia, a crônica e o ensaio crítico.

A ORIGEM DAS COISAS (*)

Maria Célia Nacfur

Enquanto a mãe e os filhos juntavam o pouco que poderiam levar para aquela empreitada, o pai, Zenildo, dedicava-se a assegurar o apoio dos compadres para possibilitar a saída escondida da família. Barganhava pequenas propriedades e os bens que ainda restavam depois do prejuízo causado pela campanha política.

Era necessário arrecadar a maior quantidade de dinheiro possível para a fuga e para sobreviver nos primeiros tempos. Estava contando com a amizade de conhecidos e vizinhos para leiloar, em segredo, pelo melhor preço que oferecessem, tudo que lhe restava. Não tinha ilusões. Nessas horas, as coisas perdiam o valor e eram arrematadas por ninharias.

As fazendas, herança da mulher, iam ficar para trás, para quando pudessem voltar e retomá-las. É bem verdade que, há muito tempo, já não tinham lucro com elas. A imensidão de terras e a falta de gosto para lidar com as coisas do campo foram fazendo com que deixassem de lado os plantios e as criações, tornando tudo um mar de terras improdutivas. Todas muito diferentes daquelas que Emília herdou da avó, mulher forte, de origem europeia, que administrou os peões e es-

cravos com mão de ferro, até o final de sua vida.

Foi uma neta companheira que estava sempre ao lado da avó. Acompanhava-a nos campos, quando era feita a vistoria do gado e das plantações. Às vezes usavam cavalos mansos, mas na maioria das ocasiões iam numa charrete coberta que era o principal meio de locomoção da avó.

Para Emília era o paraíso. Andar por aquelas terras, deixar a vista se perder no horizonte e sentir que tudo seria seu um dia. Mesmo pequena, já se sentia proprietária e com forte sentimento de posse. Durante aqueles longos passeios na charrete, sua avó incutia-lhe a responsabilidade por sua herança, falava-lhe dos bens que possuíam e de sua condição de única herdeira. Seu olhar se perdia na imensidão do verde das plantações e sonhava com um futuro onde comandava uma legião de empregados produtivos. De certa forma, a retidão de costumes da avó ia sendo marcada, pouco a pouco, na mente infantil.

Ninguém sabe direito como aquela senhora de tão fino trato parou naqueles confins. Os mais velhos comentavam que veio fugida da Europa com o marido rico que tinha se envolvido com tráfico de escravos nas colônias africanas e após a atividade tornar-se criminoso por lá, se esconderam neste país que abrigava a

escravidão e reverenciava os senhores de escravos. Aplicaram seus recursos em enormes quantidades de terras, onde plantavam e colhiam. Tempos após a chegada, deu à luz sua única filha, mãe de Emília e, alguns anos depois enviuvou, quando seu marido europeu foi picado por uma cobra de veneno mortal.

A morte inesperada do marido a forçou a assumir a administração das propriedades, o que fez com muita competência. Aquelas paragens tinham sido o refúgio que a ajudou a se acostumar àquele povo estranho do interior da Bahia. Na verdade, nunca conseguiu se adaptar aos modos que eram usuais fora de suas terras. Nos seus domínios, os hábitos europeus de serviço de mesa e bons costumes ainda eram praticados. Tinha cuidado das fazendas com capricho e mimo para que fosse um belo legado para sua única filha. Mas, de filha para neta, a herança foi-se deteriorando de modo a não ter serventia nem para uma e nem para a outra. Os casamentos, nos dois casos, com rapazes nativos e de origem humilde, foram afastando-as daquelas pretensas e longínquas origens fidalgas. Além de humildes, os dois não tinham nenhuma habilidade e gosto para lucrar com o campo.

* Capítulo do livro *Uma Vida Longa Demais*, Brasília, Thesaurus, 2012.

Maria Célia Nacfur ✦ 1951 ✨ 2021

OS HOMENS OCOS REVISITADOS

Gilmar Duarte Rocha

Esse tipo de personagem, por sinal, nos remete à mensagem da magistral poesia de T.S.Elliot chamada “Os homens ocós” — publicada no livro “*The Waste Land*”, em 1922 — tão bem dissertada pelo jornalista Ricardo Gurgel, que a coteja com a mensagem de outro clássico da literatura mundial “O coração das trevas”, de Joseph Conrad:

“Mas de que tipo de vazio fala Eliot? Marlow nos conta qual o vazio de Kurtz: ‘Tanto o amor diabólico quanto o ódio sobrenatural dos mistérios em que havia penetrado disputavam a posse daquela alma saciada de emoções primitivas, ávida de glórias enganosas, de falsas honrarias, de todas as aparências do sucesso e do poder’. Na verdade, o vazio é apenas uma metáfora para definir a abundância das coisas inúteis, o excesso de tudo que representa opulência, mas que transforma os homens em seres empalhados”.

Kurtz, o personagem de Conrad, é a representação concreta do homem vazio, que se sente dono de tudo, onipotente num mundo sem sentido, nas brumas profundas das trevas.

Homens ocós, de uma forma ou de outra, constroem os seus castelos de areia; enganam multidões; iludem a si mesmos; aparentam não ter medo de nada; têm medo de tudo, na solidão do espelho ou do quarto de dormir; não deixam rastros, realizações, edificações, contudo deixam uma herança de sangue sempre onde passam; são sujeitos *blasés*, insensíveis; não gostam de conhecimento; abominam as artes; adoram o belicismo; alisam a cabeça de uma criancinha ou de um animal de estimação enquanto ordenam o massacre de tribos inteiras, não poupando nem mesmo vidas infantis; cortejam mil mulheres, mas são incapazes de dormir com uma delas.

Homens ocós também têm uma tendência congênita de apreciar o sofrimento alheio. São sádicos por natureza. Um livro não muito difundido da excelente escritora norte-americana Susan Sontag, com o sugestivo título “Diante da dor dos outros”, aborda esse tema com muita propriedade como bem define o texto de apresentação da obra:

“Aqui, faz uma nova e profunda reflexão sobre as relações entre notícia, arte e compreensão na

representação dos horrores da guerra, da dor e da catástrofe. Discutindo os argumentos sobre como essas imagens podem inspirar discórdia, fomentar a violência ou criar apatia, a autora evoca a longa história da representação da dor dos outros — desde As desgraças da guerra, de Francisco de Goya (1746-1828), até fotos da Guerra Civil Americana, da Primeira Guerra Mundial, da Guerra Civil Espanhola, dos campos nazistas de extermínio durante a Segunda Guerra, além de imagens contemporâneas de Serra Leoa, Ruanda, Israel, Palestina e de Nova York no 11 de setembro de 2001. Num texto preciso e provocador, Sontag levanta questões cruciais para a compreensão da vida contemporânea. De sua reflexão surge uma formulação surpreendente e desafiadora: a relevância dessas imagens depende, em última instância, da maneira com que nós, espectadores, as encaramos”.

Homens ocós são como ondas: vão e vêm. Jamais desaparecerão. São espectros que vanescem à luz do sol de primavera e reaparecem, de súbito, no mais tenebroso e sombrio inverno.

ELOGIO À JUVENTUDE

José Pérez

Do livro em construção
Os Versos de Pariaguán (2020-2021)
Para Anderson Braga Horta
na amizade e na poesia

Chamaram-te tesouro
e eu te chamo lua de ontem
pequena flor que um dia tomei pela mão
e levei em segredo
à minha pele

Hoje te procuro num velho caderno de escola
uma lição de alguém que não esqueço
e não conheço outros caminhos
que me levem a ti
que não sejam estes de te recordar

Apareces-me em distantes fotografias
e jogos
anedotas e travessuras
onde o sofrer afastou seus venenos

Parece que guardaste todos os fogos
que teu dulçor venceu sombras e intempéries
que te deste de comer e beber
em grandes palácios
onde a fantasia organizou bailes
brindando feliz

Acaso te soltaste de minhas mãos
e um rio em plena cheia te levou
águas afora
até que todas as dúvidas me venceram

Algo em nosso idioma não te definiu
nem advertiu a tempo tua despedida
e tenho ouvido sempre que és divino tesouro
que te vais para não voltar

Porém se já voltaste e eu não estava
tudo ficou longe como um espelho
como os planetas ante nossos dedos
como os sonhos ante as noites vazias

Eu te buscarei onde já não estás
te sementeiramente
e deixarei que cantes como os pássaros
acendas as velas
ices as bandeiras
iluminada de fogos de bengala e globos azuis

Não se negue que estiveste aqui
como uma galinha no pátio
que o mar te deu a beber de suas espumas
e os cavalos levam teu nome na frente

Para qualquer significado Juventude
tu abrigas os mistérios
e todos os resplendores
e isso basta

Pariaguán, 27 de fevereiro de 2021

(*) Poeta, narrador e ensaísta venezuelano (El Tigre, estado Anzoátegui, Venezuela, 1966). Trad. de ABH.

SÓ sôniahelena

Amei só,
sonhei só,
vivi só.

Fui alegre só,
fiquei triste só,
sofri só,
esmoreci e renasci só.

Levei a vida só.
Cantei e chorei só.
Caminhei só.
Vaguei, errei,
recomecei... só.

Eu só.
Eu... só.

(Do livro *Interlúdio* – 2016)

EM DEFESA DE NELSON RODRIGUES

Ruy Mendes Pimentel

Toda a obra do ficcionista Nelson Rodrigues volta-se para o subjetivismo. Seus personagens, tanto nas crônicas como no teatro, revelam um modo singular e inigualável, através do qual o autor enxerga tudo. Sábato Magaldi, o maior conhecedor de sua obra, publicou o livro *Teatro de Obsessão*, reunindo todos os prefácios de cada uma das peças de Nelson, sendo a tônica sempre o subjetivismo. Apesar de sua vida trágica, nunca perdeu sua enorme graça, que nos fascina até hoje. Gostava de chamar atenção e sua frase mais impactante, “toda mulher gosta de apanhar”, afugentou muitas pessoas do teatro, principalmente os idiotas da objetividade. Quem não viu as peças não sabe o que perdeu.

Preconceito: o mundo vive em luta corporal com o preconceito. A obra do maior dramaturgo brasileiro está cheia de hipérboles e antíteses, características que fazem de Nelson Rodrigues um autor singular.

Quem não se lembra do Palhares, o canalha honesto, que promovia festinhas socialistas apenas para conquistar garotinhas. Nelson, para ser entendido, às vezes, explicava que a honestidade de Palhares consistia em falar a verdade. E o crioulo do grapete? Era a síntese do filme *Toda Nudez Será Castigada*. Simbolizava ele o

tédio daqueles homens que não aguentavam mais olhar para pernas e biquínis. O que Nelson achava mais interessante era a mulher estar coberta, despertando, assim, o interesse masculino. Mais uma marca de seu subjetivismo intenso.

Nelson sempre bateu forte na esquerda caviar. Mais uma vez, os personagens são subjetivos, mas figuras emblemáticas. Quando Nelson criava um tipo, era como se estivesse colocando uma foto nas páginas de suas crônicas. O adorável padre de passeata: verdadeira fotografia do religioso que se metia em política para ganhar notoriedade.

E a estagiária do calcanhar sujo? Deitava falação nas redações sustentando teses marxistas, tudo com ar de estudiosa, verdadeira proprietária da verdade! E o fim da revolução de 1968, especialmente, na França? Como foi a comemoração? Festa de queijos e vinhos.

Querem mais subjetivismo?

E no futebol? Nelson Rodrigues foi o terapeuta de nossas seleções para que o Brasil se recuperasse do trauma de 1950. A força de Nelson deu elã às conquistas de 1958, 1962 e 1970. Zagalo pedia para os jogadores não serem arrogantes. Contestava Nelson, veementemente, aconselhando o seguinte: devem ser arrogantes,

sim. Estão se recuperando de um trauma infinito. Quem não pode ser arrogante são os reis, rainhas e papas. Nelson enxergava muito mal, mas acompanhava um jogo que só ele assistia, cheio de figuras épicas e príncipes etíopes. Na tribuna, não deixava de falar na granfina com narinas de cadáver, que indagava sempre: quem é a bola?

Necessário mais subjetivismo? Quase cego, indagava de João Saldanha “João, o que nós achamos do jogo?”. Nelson era um homem cordial, delicado e bem educado, mas um crítico feroz de tudo.

Bastam esses subjetivismos para entender “toda mulher gosta de apanhar”?

É evidente que Nelson não estava se referindo à surra física, mas algumas de suas tantas hipérboles eram sempre usadas com abuso delicioso.

Não convencidos? Ruy Castro, em *O Anjo Pornográfico*, em momento algum revela um caso sequer de Nelson batendo em mulheres. Ruy é um escritor e jornalista que prima pela riqueza de detalhes. Nada escapa de sua lupa.

Pergunta final: qual o motivo de Nelson ser objetivo apenas nessa frase “toda mulher gosta de apanhar”??? **Peninha** de quem interpreta literalmente Nelson Rodrigues.

ELISA

Manuel Bandeira

Dizem os lábios

O que está dentro

Do coração?

– Na face lisa

Dir-te-ão meus lábios

A mesma coisa

Que trago dentro

Do coração,

Elisa.



ACADEMIA BRASILIENSE DE LETRAS – ABrL

Na forma e para os fins do art. 13 do Regimento Interno, é declarada a vacância da Cadeira n. XX (Patrono: Sílvio Romero), vaga pelo falecimento do acadêmico Marco Maciel.

Fica aberto o prazo de 30 (trinta) dias a contar desta publicação para inscrição de candidatos ao seu preenchimento, os quais deverão satisfazer as condições exigidas pelo art. 2º do Estatuto Social.

As inscrições serão feitas na secretaria da Associação Nacional de Escritores – ANE, SEP Sul 707/907, Bloco F, Edifício Escritor Almeida Fischer, tel. 3242-3642.

Brasília, DF, 2 de agosto de 2021

Fabio de Sousa Coutinho
Presidente

A VOZ LÍRICA DE KORI BOLIVIA

João Carlos Taveira

Terminada a leitura dos poemas de *Palavras livres* (Thesaurus, 2018), a impressão que tive foi exatamente a mesma que sempre proclamei sobre a autora de *O orvalho de tua voz*, desde a estreia. E, diante dessa constatação, posso repetir, sem medo de errar: Kori Bolivia é uma poetisa lírica que, vez por outra, se ocupa também de temas sociais e escreve poemas de caráter político, porque afinal o poeta não é um ser alienado e está sempre com as antenas ligadas aos acontecimentos cotidianos. Mas isso não quer dizer que Kori se enquadre em qualquer vertente da poesia engajada. Muito pelo contrário. Citemos, *en passant*, o poema

“Neste espelho

Este rosto mudo,
murcho, ferido,
já não te pede amor.
É um conto
que traz o vento
de tragédias, mortes,
pretextos miseráveis,
do naufrágio
humano
do coração.

Este rosto calado
em seu desterro
é o espelho
onde não se olha
o tirano.” (Página 149)

O título do livro já diz tudo: *Palavras livres*, em que os versos, sem nenhuma preocupação formal que os limite, nascem essencialmente da intuição, ao sabor do vento, sob o fluxo da consciência, e se materializam na folha de papel para estabelecer um canal de comunicabilidade entre a autora e seus leitores. Uma das razões

por que foram concebidos sem métrica e sem rima, isentos de quaisquer outros tecnicismos delineadores de escolas literárias pretéritas e para alguns poetas modernos também, é bom que se diga. Técnicas essas, repito, hoje já ultrapassadas para muitos poetas, por motivos óbvios: ninguém respeita nem pratica aquilo que não conhece. Tome-se de exemplo o poemeto a seguir:

“Suspiro

Para Mabel Plaul

O poeta não caça palavras
para fazer poemas,
e o poema não é pássaro.
É borboleta que pousa sutil
num papel em branco
para salpicar gotas de orvalho.” (Página 59)

Também são encontrados aqui poemas que tratam de metapoesia, como “Suspiro”, transcrito logo acima, “Papel em branco”, “Somos”, “Palavras”, entre muitos outros, bem como poemas epigramáticos, quase haicais, que dão ao volume certa variedade de criação, conveniência às pretensões de quem busca, sem subterfúgios, comunicar-se por intermédio da expressão artística. Senão, vejamos:

“Sem grilhões

Não é forçoso
espremer o cérebro
para colher um verso.
Este vem por si
e traz a palavra
sem grilhões
para reter-lhe a alma.” (Página 56)

Kori Bolivia, ao longo dos anos e já com nove títulos na bagagem, tem experiência suficiente neste mister: procura realizar uma poética pessoal, isenta de influências escolásticas, em busca de afirmação estética dentro de um universo o mais amplo possível. Entretanto, mantém-se avessa a recorrentes bandeiras entre feminino e masculino, e fugindo ao controle, sobretudo, dos modismos momentâneos e do corriqueiro e cansativo *slogan* do politicamente correto.

Voltemos ao discurso que predomina neste livro, e que é fonte consabida de morada do eu-lírico da autora de *Despeinando sueños*. E um bom exemplo encontra-se no seguinte poema:

“Ecos do silêncio

Quantas vezes, o vento,
ao meu ouvido, trouxe
tua voz, distante.
E agora no silêncio
de pássaros e ventos,
ainda escuto, vacilante,
os ecos do amor perdido.” (Página 86)

Esta poesia, repito, é livre de atavios, e pode ser comparada, metonimicamente, com o condor que sobrevoa os céus andinos do continente sul-americano, sem nenhuma demonstração de cansaço. E, em razão dessa liberdade, Kori Bolivia quase sempre faz publicar seus poemas conjuntamente nas línguas de Federico García Lorca e Fernando Pessoa. Compromisso e prática que patenteiam o diálogo permanente com o país em que nasceu, Bolívia, e este que escolheu para viver e constituir família.

Palavras livres certamente vem coroar uma trajetória já consolidada entre estes dois mundos, cujos pilares de sustentação se apoiam na solidez de uma raiz comum entre ambos: a latinidade.

LINGUAGEM E ESTILO EM SARAMAGO

M. Paulo Nunes

Atendendo ao pedido do *Público*, jornal que se edita em Lisboa, a propósito da publicação de uma edição crítica dos poemas de Ricardo Reis, um dos heterônimos de Fernando Pessoa, Saramago ali estampa um depoimento no qual recorda as circunstâncias em que o leu pela primeira vez. Aquele depoimento consta de seus *Cadernos de Lanzarote – Diário III*, às págs. 454-6, da edição brasileira da Companhia das Letras.

Depois de recordar o período de sua formação na Escola Industrial de Afonso Domingues, em que realizou sua formação técnica, a única educação formal que pôde obter, narra o seu primeiro encontro com Ricardo Reis, mesmo antes de saber que se tratava de um heterônimo, bem como de suas incursões à biblioteca, já ao fim do curso. Foi ali que numa coleção da revista *Athena* leu os primeiros versos do poema “*e foi para mim como outro sol que tivesse nascido*”, segundo expressão sua.

Mas foi anos mais tarde, poucos, conta o autor de *Memorial do Convento*, no princípio dos anos 40, com a publicação, feita por Adolfo Casais Monteiro, de uma antologia de Pessoa (então já ele sabia essa coisa de heterônimos), que uns quantos versos de Ricardo Reis se lhe impuseram como divisa, “*um ponto de honra, uma regra imperativa que iria ser meu dever, para todo o sempre, cumprir e aceitar*”. Tais eram os versos:

“*Para ser grande, sê inteiro: nada/ Teu exagera ou exclui/ Sê todo em cada coisa. Põe quanto és/ No mínimo que fazes./ Assim em cada lago a lua toda/ Brilha, porque alta vive.*” (Ob. cit., p. 45)

Diz ainda na mesma nota o autor de *O ano da morte de Ricardo Reis* que durou uns anos aquela sedução e fez o que pôde para não deixar de cumprir o que se lhe ordenava.

“*Depois, são suas próprias palavras, compreendi que não podia chegar-me as forças a tanto, que só raros deveriam ser capazes de “ser tudo em cada coisa”. O próprio Pessoa, conclui ele, que foi grande mesmo, ainda que de outra forma de grandeza, nunca foi inteiro... Logo... Não tive outro remédio que tornar-me humano.*” (Idem).

Quem sabe se não estaria aí a gênese do estilo de Saramago, de sua originalidade, de quem procura exprimir-se o melhor possível e assim revela todas as virtualidades de nossa língua, enfim, aquela permanente luta pela expressão a que se refere o mestre inolvidável Fidelino de Figueiredo?